



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL *CAMPUS* ERECHIM CURSO  
DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**FELIPE BRUSCHI**

**DA AMIZADE NA *ÉTICA A NICÔMACO* DE ARISTÓTELES**

**ERECHIM 2019**

**FELIPE BRUSCHI**

**DA AMIZADE NA *ÉTICA A NICÔMACO* DE ARISTÓTELES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Joice Beatriz da Costa.

ERECHIM

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Bruschi, Felipe  
DA AMIZADE NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES /  
Felipe Bruschi. -- 2019.  
46 f.

Orientadora: Doutora Joice Beatriz da Costa.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Filosofia-Licenciatura, Erechim, RS, 2019.

1. Ética . 2. Política. 3. Filosofia Antiga. I.  
Costa, Joice Beatriz da, orient. II. Universidade  
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FELIPE BRUSCHI

“DA AMIZADE NA *ÉTICA A NICÓMACO* DE ARISTÓTELES”

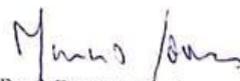
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 06 de dezembro de 2019.

**Banca examinadora:**

  
Prof.ª Dr.ª Joice Beatriz da Costa (UFFS)

  
-Prof. Dr. Thiago Soares Leite (UFFS)

  
Prof. Dr. Marcjo Soares (UFFS)

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Dra. Joice Beatriz da Costa, pelo suporte e orientação ao longo do desenvolvimento da presente monografia.

À Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim, por proporcionar um ensino público, gratuito e de qualidade.

A todo colegiado de professores de filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim, que contribuíram para a minha formação tanto profissional quanto pessoal.

A toda minha família e amigos, por acreditar e apoiar as minhas escolhas. Nada seria possível sem vocês!

“You have to put your ideas out in public.  
Realize you’re never going to be 100 percent right,  
and trust that for now you are the least wrong you could manage to be.”

Sandra Harding

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo tratar da amizade, segundo Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*; mais precisamente, como nos relacionamos uns com os outros a partir da amizade. De início, é apresentada a concepção, de Aristóteles, de Ser Humano como *animal político*, que implica, dentre outras coisas, na necessidade natural de se viver em comunidade. A amizade é uma das virtudes mais importantes para as boas relações interpessoais e, por conseguinte, para que se possa viver em comunidade. O trabalho foi dividido em três capítulos, O primeiro: *TIPOS DE AMIZADE*, apresenta a necessidade e nobreza da amizade, a relação entre o que é digno de amizade, os três tipos de amizade, os contrastes entre os tipos de amizade, o estado de amizade, a amizade como atividade e as relações entre os três tipos de amizade; O segundo capítulo: *A RECIPROCIDADE DA AMIZADE*, apresenta a essência da amizade no amar e ser amado, as relações em amizades desiguais, o paralelo e a correspondência entre justiça e amizade e, ainda, os sistemas políticos em analogia às relações familiares e respectivas formas de amizade; O terceiro e último capítulo: *NATUREZA INTERNA E NECESSIDADE DA AMIZADE*, trata do amor próprio, da essência da amizade e da necessidade da amizade na tristeza e na felicidade. A partir deste conteúdo, tem-se como conclusão o fato de que o sentimento de amizade pelo próximo deriva da relação que o ser humano tem consigo mesmo, pois ser amigo é alegrar-se em fazer o bem a outrem assim como alegra-se em fazer o bem a si próprio; amigo é aquele que deseja a vida boa a seu próximo também pelo próprio bem deste amigo, assim como deseja-se viver bem; logo, como um ser humano é para com ele mesmo, assim ele o será para com seu amigo.

Palavras-chave: Amizade; Amor; Ética aristotélica; Relações interpessoais.

## ABSTRACT

The present monograph aims to present friendship according to Aristotle in his work *The Nicomachean Ethics*; more precisely, how we relate to each other from friendship. At first, Aristotle's conception of Human Being as a *political animal* is presented, which implies, among other things, the natural need to live in community. Friendship is one of the most important virtues for good interpersonal relationships and therefore for living in community. Such work had been divided into three chapters, the first: TYPES OF FRIENDSHIP that presents the need and nobility of friendship, the relationship between what is worthy of friendship, the three types of friendship, the contrasts between the types of friendship, the state of friendship, friendship as an activity and the relations between the three types of friendship; The second chapter: THE RECIPROCITY OF FRIENDSHIP that presents the essence of friendship in loving and being loved, relationships in unequal friendships, the parallel and correspondence between justice and friendship, and the political systems in analogy to family relationships; The third and final chapter: INNER NATURE AND NEED FOR FRIENDSHIP that deals with self-love, the essence of friendship, and the need for friendship in sadness and happiness. From this content we have the conclusion that the feeling of friendship for another one derives from the relationship that the human being has with himself, therefore, being a friend is to rejoice in doing good to others as well as rejoices to do good for oneself; A friend is one who desires the good life of his friend for the good of this friend, just as one wishes to live well; therefore, as a human being is to himself, so will he be to his friend.

Keywords: Friendship; Love; Aristotelian ethics; Interpersonal relationships.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
1.1 O SER HUMANO COMO ANIMAL POLÍTICO E A AMIZADE	12
<b>2 TIPOS DE AMIZADE</b>	<b>15</b>
2.1 A AMIZADE COMO NECESSÁRIA E NOBRE: PRINCIPAIS QUESTÕES	15
2.2 TRÊS AÇÕES DIGNAS DE AMIZADE	17
2.3 TRÊS RESPECTIVAS FORMAS DE AMIZADE	17
2.4 CONTRASTES ENTRE O MELHOR TIPO DE AMIZADE	19
2.5 A DISPOSIÇÃO PARA A AMIZADE E A ATIVIDADE DA AMIZADE	21
2.6 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE OS TRÊS TIPOS DE AMIZADE	22
2.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	23
<b>3 RECIPROCIDADE DA AMIZADE</b>	<b>25</b>
3.1 EM AMIZADES DESIGUAIS TAL PROPORÇÃO DEVE SER MANTIDA	25
3.2 A ESSÊNCIA DA AMIZADE É MAIS AMAR DO QUE SER AMADO	26
3.3 O PARALELO ENTRE JUSTIÇA E AMIZADE	26
3.4 ANALOGIAS: SISTEMAS POLÍTICOS E RELAÇÕES FAMILIARES	27
3.4.1 CORRESPONDÊNCIA: FORMAS DE AMIZADE E A JUSTIÇA	29
3.5 ALGUMAS FORMAS DE AMIZADE ENTRE FAMILIARES	30
3.6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	32
<b>4 NATUREZA INTERNA E NECESSIDADE DA AMIZADE</b>	<b>33</b>
4.1 A BASE DA AMIZADE É O AMOR PRÓPRIO	33
4.2 A CONCÓRDIA E O PRAZER EM AJUDAR O PRÓXIMO	34
4.3 A NATUREZA DO VERDADEIRO AMOR PRÓPRIO	37
4.4 MOTIVOS PELOS QUAIS O SER HUMANO NECESSITA DE AMIGOS PARA SER FELIZ	38
4.5 A ESSÊNCIA DA AMIZADE: AMIGOS NA ALEGRIA E NA TRISTEZA	40
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>44</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A amizade, tema central deste trabalho, é entendida por Aristóteles como fundamental em dois sentidos principais; no primeiro, por ser uma disposição interna do ser humano e, como tal, é buscada por natureza;<sup>1</sup> no segundo, por ser um dos caminhos inevitáveis para a realização da vida plena e feliz (*eudaimônica*), vida tal que só pode ser alcançada a partir de nossas ações praticadas de maneira virtuosa, tendo em vista o próprio bem e, por conseguinte, o bem coletivo.

Devido à importância basililar dada à amizade por Aristóteles em seu tratado ético (*Ética a Nicômaco*), procura-se esclarecer, de maneira exploratória, tal conceito para que se possa chegar a uma compreensão da importância dada à amizade por Aristóteles nas relações interpessoais; pois, “como marido e esposa, e amigos em geral devem agir uns frente aos outros parece ser o mesmo que perguntar qual a maneira justa de se agir, pois, não parece que o modo de agir de um ser humano deva ser o mesmo frente a um amigo, um camarada, um estranho ou um colega.”<sup>2</sup> Assim, busca-se saber: Quais são as considerações acerca da amizade presentes no pensamento ético de Aristóteles?

Como fruto da reflexão filosófica, acredita-se que a pergunta última que nos guia é ontológica, em sua maneira mais genérica possível, logo, o que as coisas são ou *significam*, como elas se *comportam* ou *deveriam se comportar*; Aristóteles afirma que a vida é ação, para o Ser Humano, viver iguala-se às atividades da percepção e do intelecto.<sup>3</sup> De uma maneira mais imediata, a filosofia política parece esclarecer os caminhos pelos quais uma sociedade harmônica deve guiar-se.

---

<sup>1</sup> Aristóteles no livro  $\Delta$  da *Metafísica* distingue quatro sentidos para a palavra natureza (*physis*): “o crescimento - ou geração - das realidades que crescem”; a realidade primeira e imanente a partir da qual cresce o que cresce (por exemplo, a semente); a matéria de que são constituídos os seres naturais; a substância ou essência dos seres naturais. O livro II da *Física* agrega um outro: a *physis* é o princípio do movimento interno aos entes naturais. Contudo o sentido fundamental de *physis* é a substância ou essência de um ente. O que dá conta mais propriamente do que uma coisa é, sua forma no sentido aristotélico, por isso, a *physis* tem uma relação estreita com o fim. Não só na natureza há o “em vista de alguma coisa”, mas a própria natureza é fim. A natureza de uma coisa é o estado de pleno desenvolvimento para o qual ela tende. (PELLEGRIN, P. 2010 p.46).

<sup>2</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1162a30, tradução nossa. “How man and wife and in general friend and friend ought mutually to behave seems to be the same question as how it is just for them to behave; for a man does not seem to have the same duties to a friend, a stranger, a comrade, and a schoolfellow.”

<sup>3</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1170a13-19.

Contudo, sistemas políticos que não se comprometem com a *essência do ser humano* acabam por resultar em contratos imperativos ou utópicos, ou ainda, guiados por uma maioria que parece não saber para onde vai. Para fundamentar seu sistema político, Aristóteles toma como base sua concepção ética, explícita principalmente na obra *Ética a Nicômaco*. Esta obra pode ser tomada como precursora dos estudos antropológicos devido a seu conteúdo investigativo; neste livro, Aristóteles apresenta a *justiça* e a *amizade* como sendo duas das virtudes mais importantes no que diz respeito à vida política.<sup>4</sup>

Que a justiça, ou o conceito de justiça, desde a Grécia antiga, permaneça fortemente presente nas discussões políticas ocidentais até a contemporaneidade é fato, contudo, pouco tem se falado sobre a amizade, no contexto político, aos moldes de Aristóteles. Deseja-se que, a partir da conclusão deste trabalho, o qual apresenta a concepção de amizade aristotélica, possa-se ampliar o pensamento político, no sentido de tornar a considerar a própria amizade, também, como fator para a vida em comunidade.

Uma vez que se apresenta a amizade exclusivamente sobre o pensamento de Aristóteles, utilizando-se dos livros VIII e IX da obra aristotélica intitulada *Ética a Nicômaco*, optou-se por seguir a lógica de conteúdo apresentada pelo autor; esta pesquisa divide os dois livros em três capítulos. Assim, o primeiro capítulo, que contém as partes iniciais do livro VIII, foi nomeado: *TIPOS DE AMIZADE*, no qual trata-se da necessidade e nobreza da amizade, da relação entre o que é digno de amizade, dos três tipos de amizade, dos contrastes entre os tipos de amizade, do estado de amizade, da amizade como atividade e das relações entre os três tipos de amizade. Tais temas foram diluídos nesse capítulo em sete subcapítulos.

O segundo capítulo, que apresenta as considerações sobre a amizade presentes na segunda parte do livro VIII e na primeira parte do livro IX, foi nomeado *A RECIPROCIDADE DA AMIZADE*, onde descreve-se sobre a essência da amizade no amar e ser amado, sobre as relações em amizades desiguais, sobre o paralelo e a correspondência entre justiça e amizade, e ainda, sobre os sistemas políticos em analogia com as relações familiares e a amizade; estes tópicos encontram-se separados em seis subcapítulos. O terceiro e último capítulo, contendo as

---

<sup>4</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1155a22-8.

considerações sobre a amizade apresentadas na parte final do livro IX, foi nomeado *NATUREZA INTERNA E NECESSIDADE DA AMIZADE*, e apresenta, em cinco subcapítulos o amor próprio, a essência da amizade e a necessidade da amizade na tristeza e na felicidade.

### 1.1 O SER HUMANO COMO ANIMAL POLÍTICO E A AMIZADE

Inicia-se esta pesquisa, sobre o conceito de amizade,<sup>5</sup> reafirmando-se o pensamento de Aristóteles de que somos, enquanto seres humanos, por natureza, animais políticos; “É evidente que toda cidade está na natureza e que o homem é naturalmente feito para a sociedade política,”(Aristóteles, 2006, p. 4) e como tais, buscamos nos realizar nas relações sociais. Segundo Ernest Barker, 1995; A famosa frase de Aristóteles, “o humano é um animal político por natureza” ou ainda “*ho anthropos physei politikon zoon*”, não significa que o ser humano participe de atividades políticas, nos moldes contemporâneos do termo “política”; mas sim que a natureza do ser humano é tal que só possa se realizar na “polis” (comunidade), e ainda que diferente dos outros animais políticos citados por Aristóteles, como as abelhas, por exemplo, que apenas comungam da vida em conjunto por terem a mesma finalidade, o ser humano é também dotado de razão e linguagem (*logos*), e por isso é animal político em um nível maior que todos os outros animais.

A sociedade se constitui da união de vários grupos, que em grande quantidade, são chamados de cidade; esta, por sua vez, tem a capacidade de bastar-se por si mesma. Ela organiza-se tanto para conservar a existência, quanto para buscar o bem-estar de seus constituintes. (Aristóteles, 2006.) Por assim ser, a cidade está no intento da natureza, bem como os elementos que a constituem; cito aqui, como exemplo, as relações de amizade (que acontecem no interior da mesma), tema primeiro de meu trabalho e fundamental para nosso bem, Aristóteles acredita

---

<sup>5</sup> Φιλία (*philia*) traduzido por amizade, abarca também as relações de família, colegas de trabalho e membros de uma mesma comunidade; segundo Jennifer Whiting, em “A concepção nicomaqueia de *philia*” 2009, *Philia* é um substantivo abstrato derivado do verbo *to philein*, que significa “amar” ou “estimar,” de um modo geral: pode-se amar ou estimar todo tipo de coisas, de uma garrafa de vinho ou um cachorro até a própria família e os amigos. Assim, poder-se-ia preservar a conexão etimológica traduzindo *philia* e seus cognatos por “amor” [...] contudo, a palavra “amizade” apresenta-se enraizada na literatura e seria imprudente abandonar tal tradução. Ao fim que utilizo neste trabalho a tradução de *philia* por amizade, mas sem esquecer sua ligação direta com o verbo amar.

que todas as coisas anseiam um certo bem, e o nosso bem como seres humanos é a felicidade (*eudaimonia*). pois, “Os pobres anseiam por ajuda dos amigos e os bem-aventurados anseiam por passar o dia na companhia dos amigos: é que, na verdade, não é nada deles o viverem uma vida de solitários.”<sup>6</sup>

Ademais, quando cada coisa alcança seu fim, que é dado por natureza, dizemos que ela alcançou a perfeição, logo, não só a cidade é por natureza, mas a cidade perfeita. (Aristóteles, 2006.) Na passagem a seguir, Aristóteles deixa claro sua posição quanto ao ser humano como *animal político*:

Assim, o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi primeiramente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil. (Aristóteles, 2006, p. 5)

Na passagem acima, o tradutor utiliza a expressão animal cívico para a tradução da expressão aristotélica “*anthropos physei politikon zoon*” que equivale em meu trabalho à animal político.

O todo deve existir anteriormente as partes, assim a sociedade doméstica (familiar) e os indivíduos devem ser, enquanto partes integrantes da cidade, subordinados ao todo e com funções específicas, ficando inúteis quando desvinculados do todo. (Aristóteles, 2006.) Como exemplo, pode-se observar nossos próprios pés e mãos, uma vez separados de nosso corpo têm apenas aparência e nomes conservados, mas em pouco se diferenciam de uma mão ou pé de mármore; e conclui Aristóteles: “Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus, ou um bruto.”(Aristóteles, 2006, p. 5).

Ademais, é clara a importância da amizade no contexto político de Aristóteles e sua fundamental importância para o ser humano:

---

<sup>6</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157b5.

Aristóteles não seria um dos mais significativos pensadores políticos se tivesse identificado somente a natureza política do ser humano e tivesse deixado de lado as pré-condições e os limites do político. O elemento mais importante é a amizade. Ela pertence não simplesmente ao mais necessário na vida. Na medida em que a polis existe para a boa vida, ela é remetida a “parentescos e uniões de estirpes, bem como cooperativas de doação e formas de vida social”; e elas todas são “a obra da amizade, afinal, amizade não é outra coisa que a decisão de viver um com o outro” (pol. III 9, 1280b36-39; cf. EN VIII 13 *apud* HÖFFE, O. 2008, p. 218)

assim, a amizade vai muito além do sentido “romântico” ou institucionalizado; representa também as relações intencionais. (HÖFFE, O. 2008.)

## 2 TIPOS DE AMIZADE

Nos primeiros capítulos do livro VIII da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles discorre sobre a amizade como necessária e nobre, três ações dignas de amizade, três respectivas formas de amizade, contrastes entre o melhor tipo de amizade, a disposição para a amizade, a atividade da amizade e algumas relações entre os três tipos de amizade. Estes tópicos são apresentados em sete subcapítulos, sendo o último uma síntese dos pontos abordados por Aristóteles até aqui. Os títulos apresentados neste trabalho são inspirados nos títulos presentes na edição da *Ética a Nicômaco* traduzida por David Ross.

### 2.1 A AMIZADE COMO NECESSÁRIA E NOBRE: PRINCIPAIS QUESTÕES

Aristóteles<sup>7</sup> inicia sua investigação sobre a amizade com a constatação de que ela é uma virtude, ou algo estreitamente ligado à virtude e, como tal, necessária para a vida humana. Uma virtude é um traço característico manifestado nas suas ações habituais. O “habitual” é importante. A virtude da honestidade, por exemplo, não é possuída por aquele que diz a verdade apenas ocasionalmente ou no momento de tirar um proveito próprio. A pessoa honesta é verdadeira em suas ações rotineiras; suas ações “nascem de uma característica firme e imutável, conclui-se então que virtude é um traço característico, manifestado numa ação habitual, que é algo bom para a pessoa possuir. (James Rachels, 2006.) Mesmo o ser humano que possui todos os outros bens necessários para uma vida feliz, como riqueza e poder político, mesmo estes, têm uma necessidade extrema de amigos.

Que vantagem haveria numa tal prosperidade se lhes tivesse sido retirada a possibilidade de fazer bem, sobretudo quando fazer bem aos amigos é o melhor e mais louvável que há? Ou de que outro modo poderá ser cuidada e preservada a prosperidade assim sem amigos? Pois quanto maior for a prosperidade, tanto maior é a insegurança que se sente. Assim, tanto na miséria como nas desgraças, pensa-se sempre que os amigos são nosso único refúgio. Os amigos são uma ajuda para os mais novos, ao evitarem que façam disparates; e para os mais velhos, por cuidarem deles e por suprirem à perda crescente de autonomia. Mas para os que estão na força da vida, os amigos são uma ajuda para a realização de ações excelentes.

---

<sup>7</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1155a1.

-Quando dois vão em conjunto. Na verdade, com amigos, somos capazes de pensar e de agir melhor. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1155a10.

A amizade é, para Aristóteles,<sup>8</sup> um fenômeno natural; observa-se entre pais e filhos, não somente no ser humano, mas também na maioria dos animais, bem como é observada entre membros de uma mesma comunidade; por isso ela, a amizade, é louvável. Para além disso a amizade é a responsável por manter unidas as comunidades dentro de seus Estados, tal é que os legisladores preocupam-se mais com ela do que com a própria justiça, visando assim a concórdia.

Embora a justiça, segundo Aristóteles,<sup>9</sup> não seja necessária entre amigos, entre aqueles que são justos, a amizade é fundamental; pois, a verdadeira forma de justiça parece ser uma qualidade da amizade,<sup>10</sup> (é a partir da amizade que se dá a concórdia) de tal forma, a amizade não é apenas necessária ao ser humano mas ela é também bela. Ademais, ser amigo de muitos é tão louvável, que pensa-se ser um bom ser humano e um bom amigo a mesma coisa. Aristóteles refere-se aqui, segundo David Ross, a equidade, que é uma forma de justiça. “A equidade, embora sendo superior a uma certa forma de justiça, é, ainda assim, justa; não é portanto, melhor do que a justiça, como que pertencendo a um outro gênero de fenômenos. A justiça e a equidade são, pois, o mesmo. E, embora ambas sejam qualidades sérias, a equidade é a mais poderosa. O que põe aqui problemas é o fato de a equidade ser justa, não de acordo com a lei, mas na medida em que tem uma função retificadora da Justiça legal.

Quanto ao sentido teórico da amizade, há grande debate: para alguns esta se mostra como uma semelhança, ou seja, amigos são aqueles semelhantes entre si, e estes como tais procuram uns aos outros (como no caso de alguns animais). Mas há também aqueles, como Eurípides e Heráclito, que afirmam que tal harmonia, encontrada na amizade nasce das divergências. Tal problemática não segue como centro da investigação de Aristóteles, pois o que ele procura é analisar as diversas formas de amizade entre os seres humanos (na ordem prática), por exemplo “se a

<sup>8</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1155a17.

<sup>9</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1155a25.

<sup>10</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1137b10.

amizade nasce entre todos os seres humanos ou se é impossível entre os homens de mal, e ainda se há uma única essência ou várias formas de amizade.”<sup>11</sup>

## 2.2 TRÊS AÇÕES DIGNAS DE AMIZADE

Para se ter mais clareza sobre a amizade, Aristóteles<sup>12</sup> investiga o que pode ser digno dela; digno de amizade é apenas o que pode despertá-la. Capaz de despertar a amizade são o bem, o prazer e o útil; porém, o útil só é útil na medida em que causa prazer ou bem. Desta forma, ações dignas de amizade com o fim em si mesmo são apenas o bem e o prazer.

Para com as coisas ou seres inanimados não podemos falar de amizade, apenas apego, pois tais coisas não são passíveis de reciprocidade; tão pouco podemos lhes desejar que alcancem algum bem. Ao passo que quando deseja-se o bem para o próximo, sendo tal sentimento não recíproco, nós nomeamos benevolência, já quando há reciprocidade de sentimento, chamamo-nos de amigos. Contudo tal sentimento além de recíproco deve ser percebido por ambas as partes para que tenhamos a amizade, pois não é impossível que alguém sinta benevolência por alguém desconhecido e que tal sentimento seja recíproco, porém, neste caso não há amizade. Para que duas pessoas sejam amigas é necessário que se queiram bem uma a outra e se desejem mutuamente tudo de bom, mas de uma maneira tal que isso não lhes passe despercebido, e ainda que o fundamento da amizade seja pelo menos um dos motivos mencionados mais acima.<sup>13</sup>

## 2.3 TRÊS RESPECTIVAS FORMAS DE AMIZADE

Para cada umas das três ações dignas de amizade, existe um tipo de amizade correspondente, e em correspondência com cada tipo de amizade há uma afeição recíproca, percebida em mão dupla.<sup>14</sup> Aqueles que sentem amizade desejam coisas boas entre si a partir do tipo de amizade estabelecida. Assim, os amigos que

---

<sup>11</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1155b15.

<sup>12</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1155b17.

<sup>13</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1156a1.

<sup>14</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1156a6.

baseiam-se na utilidade de sua amizade, são amigos apenas na medida em que resulta algum bem para ambos, e não pelo que eles próprios são, e, desta forma, é de modo semelhante para com os amigos que baseiam-se no prazer, “pois não se gosta de pessoas divertidas pelas qualidades do caráter que têm, mas por serem agradáveis.”<sup>15</sup>

Amigos que baseiam-se na utilidade são queridos pelo bem que fazem um ao outro, e os amigos que baseiam-se no prazer são amigos pelo prazer que causam uns aos outros. Nestes dois casos, a amizade não baseia-se pelo fato do outro ser suscetível de amizade por si mesmo, mas pelo fato de ser agradável ou útil. Tais formas de amizade são acidentais, afirma Aristóteles,<sup>16</sup> afinal, nestes tipos de amizade não se ama tal amigo pelo que ele é, mas pela sua utilidade ou prazer que pode causar. Estes tipos de amizade são facilmente extintos, uma vez que as pessoas mudam ao longo do tempo e, com isso, mudam também suas utilidades e capacidades de causar determinado prazer. Elas aparecem como meio para obtenção de algum fim, uma vantagem.

Para a grande maioria dos jovens, a amizade parece ser baseada no prazer, pois estes buscam o próprio prazer ao viverem de paixões e pensarem, principalmente, no presente momento. Esses, com o passar da idade, mudam de objetos de prazer e, conseqüentemente, mudam de amizades, pois são eles, os jovens, os mais vulneráveis à amizade, aquela guiada pelas paixões e pelo prazer; é por esse motivo que apaixonam-se e deixam de estar apaixonados em um curto período de tempo; esta é a forma de amizade entre eles, os jovens.<sup>17</sup>

A amizade perfeita é aquela constituída entre os seres humanos bons e que possuem semelhantes virtudes. Tais seres desejam o mesmo bem tanto para si quanto para seus amigos e, por serem bons, são amigos dos outros pelo que estes são em essência e não por qualquer outro acidente. Este tipo de amizade dura por quanto tempo estes seres forem bons e a virtude for duradoura. Para Aristóteles o ser humano bom é virtuoso e a virtude é fruto da prática recorrente, logo uma amizade virtuosa tende a ser duradoura.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1156a15.

<sup>16</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1156a18.

<sup>17</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1156a33.

<sup>18</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1155a1.

As partes envolvidas nesse tipo de amizade são pessoas boas em si e são boas para seus amigos; sendo bons, são também úteis uns aos outros, mas também agradáveis entre si, porque quem é bom, agradável também o é. Assim, se cada ser humano obtém prazer a partir das próprias ações praticadas, de maneira virtuosa, (o que é de sua essência) ou a partir da ação virtuosa de alguém que se quer bem, essa amizade virtuosa será duradoura, pois combina todas as qualidades que um amigo deve ter.

Toda amizade tem por finalidade um bem ou um determinado prazer,<sup>19</sup> que existe para si ou para o outro que se assemelha nas virtudes; o bem absoluto causa um prazer absoluto e por isso que “o modo mais autêntico de amizade no sentido verdadeiro e mais virtuoso do termo apenas se verifica entre os melhores.”<sup>20</sup> Entre os melhores: Quanto mais virtuoso um ser humano é, mais ele agirá em vista do sumo bem, uma vez que as virtudes tornam-se excelentes a partir da prática, cada ser humano torna-se mais virtuoso a partir de suas práticas bem deliberadas, logo os melhores, ou os seres humanos mais virtuosos, são aqueles que praticam suas ações, frequentemente, com vista nas virtudes, a partir da boa deliberação.

Este tipo de amizade demanda tempo e cumplicidade de ambas as partes, bem como confiança. O desejo de amizade nasce num instante, porém a verdadeira amizade demanda tempo.

Neste subcapítulo, Aristóteles apresentou uma divisão da amizade em três tipos, sendo a amizade por utilidade ou prazer, amizades acidentais, e por isso inferiores ao terceiro tipo de amizade, a virtuosa. Este terceiro tipo de amizade é o mais autêntico no sentido de buscar o bem por ele mesmo, para si, e por consequência para seu amigo; ademais, a amizade virtuosa contempla tanto a utilidade quanto o prazer, por conta disso, além de buscar responder quais são as considerações acerca da amizade presentes no pensamento ético de Aristóteles, procurarei explicitar mais especificamente as considerações sobre a amizade virtuosa, colocando em contraste, quando necessário os demais tipos.

---

<sup>19</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1156b20.

<sup>20</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1156b6.

## 2.4 CONTRASTES ENTRE O MELHOR TIPO DE AMIZADE

Tal perfeição de amizade apresenta-se tanto segundo seu tempo de duração como a respeito das demais características citadas acima, mas também na medida em que se recebe o mesmo bem que se entrega ou um bem parecido. A verdadeira amizade demanda reciprocidade. Há uma semelhança entre a amizade baseada no prazer e a amizade perfeita (virtuosa), pois dar e receber prazer também faz parte de uma amizade verdadeira. De maneira parecida acontece com a amizade baseada na utilidade, pois os seres humanos bons são úteis uns aos outros.

Os tipos inferiores de amizade também podem ser duradouros, mas apenas na medida em que o que se recebe é o mesmo a ser doado, por exemplo, determinado prazer, e não um prazer qualquer, e, ainda, se tais amigos tiverem o mesmo nível (em virtudes), ao contrário da relação entre amante e amado.<sup>21</sup>

Pois, estes não sentem prazeres a respeito das mesmas coisas; o amante tem o prazer de ver o amado e o amado tem prazer em ser tratado com atenção pelo amante. Mas quando cessa a flor da juventude não raro também cessa a amizade (o amante deixa de ter prazer em ver o amado e o amado deixa de ter a atenção que recebia do amante). ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157a15.

Ainda assim, tal tipo de amizade pode durar caso haja afeição pela maneira da cada um ser ou venham a ter disposição de caráter semelhantes; já no que concerne às amizades com trocas apenas por vantagens, estas duram muito menos.<sup>22</sup>

Ademais, amizades com fim no prazer ou utilidade podem acontecer entre seres humanos superiores e inferiores ou entre seres humanos que não sejam nem superiores nem inferiores. Entretanto a amizade perfeita só pode existir entre seres humanos virtuosos, pois, estes apreciam a amizade pelo que cada amigo é por si próprio, e os seres humanos ordinários não são capazes desse feito, a não ser que obtenham alguma vantagem em troca. Além disso, somente seres humanos bons agem justamente e, por isso, podem ser dignos de confiança, podem criar uma relação de amizade digna de confiança e que contenha tudo mais que se diga digno

<sup>21</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157a1.

<sup>22</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157a12.

de uma boa amizade, ao passo que noutras formas de amizade é provável ver-se injustiça e falta de confiança.<sup>23</sup>

Se chamamos de amigos aqueles ligados por algum laço de interesse com fim na utilidade e, ainda, aqueles ligados com fim no prazer, assim como são as alianças de Estado e das crianças respectivamente, devemos admitir que há diversas formas de amizade. Contudo, a amizade mais autêntica será aquela entre os seres humanos bons (virtuosos), pelo fato de serem bons por si próprios. Assim, a amizade divide-se em duas formas essenciais:

os inferiores serão amigos em vista do prazer ou da utilidade sendo a este respeito semelhantes entre si; os homens bons, por outro lado, são amigos em vista do (si próprio) dos amigos. Isto é, são semelhantes entre si por serem bons. Estes são amigos de uma forma absoluta, os outros apenas de uma forma accidental e, apenas, pelo sentido de a sua relação de amizade se ter assimilado àquela primeira. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157b1.

## 2.5 A DISPOSIÇÃO PARA A AMIZADE E A ATIVIDADE DA AMIZADE

A amizade pode ser vista de duas maneiras, entre sua disposição ou sua ação. Assim, os amigos que convivem com frequência geram coisas boas uns aos outros; o mesmo não acontece quando há distância entre eles.<sup>24</sup> Neste segundo caso, os amigos apenas terão a disposição de pôr a amizade em prática, pois, a distância física não é capaz de romper uma amizade; esta apenas impede que ela seja posta em prática. Contudo quando a ausência de amizade for prolongada, poderá haver um esquecimento desta.

A natureza humana nos encaminha no sentido de evitar as coisas dolorosas e perseguir as prazerosas; desta maneira, dificilmente teremos amizades com pessoas amargas e rancorosas, uma vez que pouco ou nada de prazeroso a companhia destas nos trará.<sup>25</sup> Pessoas que se toleram entre si, mas não vivem juntas, podem ser tomadas como pessoas de boa vontade (benevolentes), contudo para se dizer amigos é preciso que passem um bom tempo juntas e, para isso, é preciso que a companhia uma da outra seja reciprocamente agradável. Assim parece ser a

<sup>23</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157a23.

<sup>24</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157b5.

<sup>25</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157b16.

camaradagem. Por camaradagem entenda-se desfrutar da companhia de amigos que se escolheu viver junto e que nos é agradável.

A amizade mais autêntica é aquela compartilhada entre os seres humanos bons (virtuosos), e o absolutamente bom e agradável é desejável entre os seres humanos bons à todos, uma vez que o que é bom e agradável de maneira particular a um ser humano é desejável e passível de amizade apenas por ele.<sup>26</sup> Assim os seres humanos bons desejam tanto o bem a si próprios quanto aos seus semelhantes. Contudo, a afeição representa um estado passivo, pois pode-se sentir amor tanto por objetos quanto por pessoas; já a amizade demanda reciprocidade e, como tal, é uma ação que demanda decisão a partir de uma disposição de caráter. Seres humanos bons desejam o bem aos seus amigos pelo que eles são em si próprios e não por uma afeição passiva. Quando um ser humano ama seu amigo, ele ama o que é bom para os dois e o que é bom para ele mesmo e, com isso, devolve ao seu amigo o mesmo amor que recebe e o prazer que dá em partes iguais. Assim, fala-se que amizade é igualdade, principalmente entre seres humanos bons.

27

## 2.6 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE OS TRÊS TIPOS DE AMIZADE

Tal como não é possível amar muitas pessoas ao mesmo tempo, pois o amor parece nascer naturalmente em relação a uma pessoa, também não é possível ser amigo de muitas pessoas, no sentido mais nobre do termo amizade. Não se pode agradar muitos de maneira satisfatória, pois para se ter uma amizade é preciso compartilhar experiências e dificuldades, mas também ganhar confiança, o que não é de todo simples.<sup>28</sup> Contudo, no que concerne às amizades baseadas ou no prazer ou na utilidade, é possível alcançar um número expressivo de amigos, pois tais feitos levam pouco tempo e são de fácil ação.

Dentre os dois tipos de amizade inferiores, aquela amizade constituída a partir do prazer mais se aproxima da amizade mais autêntica, especialmente quando o

<sup>26</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1157b26.

<sup>27</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1158a1.

<sup>28</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1158a10.

tipo de prazer dado e recebido se equivalem. Este tipo de amizade é mais comum entre os jovens; vê-se ainda algum tipo de sentimento puro nestes casos. Já a amizade baseada na utilidade demonstra ter em sua base um cunho comercial. Além disso, pessoas virtuosas não necessitam de amizades úteis, contudo necessitam de amigos que lhes sejam agradáveis.<sup>29</sup> Temos o desejo de conviver com pessoas agradáveis, pois ninguém suportaria nem mesmo o bem absoluto se este fosse também sinônimo de tédio absoluto. Para além de amigos agradáveis, nos seria conveniente se procurássemos também amigos bons (virtuosos), em nossas próprias proporções, assim a amizade terá todas as características de uma amizade perfeita.<sup>30</sup>

## 2.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As considerações que podem ser feitas até aqui, a partir da pergunta; “Quais são as considerações acerca da amizade presentes no pensamento ético de Aristóteles?”, são: em primeiro, o fato de que a amizade é uma virtude ou algo estritamente ligado a virtude, e, como tal, necessária e bela para a vida boa; que ela é um fenômeno natural, existindo tanto entre os seres humanos quanto entre os animais; e, ainda, que ela é fundamental entre os seres humanos justos, por isso pensa-se ser um bom ser humano e um bom amigo a mesma coisa. Aristóteles apresentou, até aqui, as três ações que são dignas da amizade; são elas: o bem, o prazer e o útil. Assim, para que haja amizade é necessário que a base dela esteja fundada em pelo menos uma destas ações e, ainda, que o sentimento de amizade seja recíproco e percebido por ambas as partes envolvidas. Para cada uma das ações dignas de amizade existe um tipo de amizade; assim, tem-se a amizade baseada na utilidade, a que se baseia no prazer e a virtuosa. As duas primeiras formas de amizade são acidentais e duram pouco, tão quanto a utilidade ou o prazer não sejam mais recíprocos; já o terceiro tipo de amizade é virtuosa, pois baseia-se no que o amigo é por essência (bom e virtuoso) e não por qualquer acidente, como nos outros dois casos. Ademais, ao contrário dos tipos acidentais de amizade, na

---

<sup>29</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1158a20.

<sup>30</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1158a25.

amizade virtuosa é que se encontram justiça e confiança mútua. A amizade é uma ação, demanda reciprocidade e só pode nascer a partir da vida compartilhada; amizade é igualdade. A seguir, será tratado sobre as formas recíprocas da amizade.

### 3 RECIPROCIDADE DA AMIZADE

Entre os últimos capítulos do livro VIII e os primeiros capítulos do livro IX da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles discorre sobre a reciprocidade da amizade, a proporção entre amizades desiguais, a essência da amizade, o paralelo entre justiça e amizade, o paralelo entre sistemas políticos e a amizade e algumas relações familiares de amizade. Tais tópicos são apresentados abaixo, em seis subcapítulos, sendo o último um síntese dos pontos abordados por Aristóteles neste capítulo.

#### 3.1 EM AMIZADES DESIGUAIS TAL PROPORÇÃO DEVE SER MANTIDA

As amizades desiguais admitem superioridade de uma das partes envolvidas, por exemplo, a do pai pelo seu filho, do mais velho pelo mais novo (geralmente neste caso), do superior a seu subordinado e, também, do homem pela mulher. Estas amizades apresentam graus diferentes de reciprocidade, por exemplo, a amizade que o pai tem para com seu filho difere da amizade que o filho tem de seu pai; mas, também a amizade de pai para o filho difere da amizade que o irmão mais novo tem para com seu irmão mais velho, em grau de reciprocidade.<sup>31</sup> Nestes casos de amizade, suas funções e virtudes são distintas, bem como distintos são os motivos que fundamentam tal amizade. “Há, assim, diferentes modos de afeição e relações de amizade com graus diferentes de reciprocidade.”<sup>32</sup> O que é recebido por ambas as partes não constitui uma igualdade; porém, não se deve procurar a igualdade nestes casos a parte superior da relação de amizade deverá receber afeição na mesma proporção, ou seja, o pai deverá receber mais amizade do filho do que aquela que ele oferece. Assim, tal amizade será duradoura, pois gera uma igualdade na proporcionalidade e é nisto que constitui a própria amizade.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1158b11.

<sup>32</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1158b18.

<sup>33</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1158b20.

Contudo, quando há uma diferença muito acentuada entre os vícios e as virtudes, dificilmente haverá espaço para o nascimento da amizade. Assim, toma-se o exemplo entre os deuses e os seres humanos; tal distância é tamanha que nunca se viu amizade entre estas duas classes. “Não há, no entanto, nenhum limite que defina rigorosamente, nestes casos, até que ponto os amigos podem ainda ser amigos, porque, na verdade, mesmo quando os amigos parecem não ter nada em comum, a sua amizade pode ainda persistir.”<sup>34</sup>

A partir do esclarecimento citado acima surge, um novo problema. Talvez pareça que um amigo não possa desejar para o outro o bem supremo, como o de se tornar um Deus, por exemplo, porque desta maneira ele perderia seu amigo. Aristóteles diz que um amigo deseja o bem a seu amigo visando o que é bom para ele (seu amigo), e bom para ele é manter-se como é; assim todo bem supremo que se deseja a um amigo deve estar no horizonte do que ele é, neste caso um ser humano.<sup>35</sup> Assim, talvez, não se possa desejar todo o bem possível e imaginário a um amigo, mas sim todo o bem que lhe cabe enquanto amigo.

### 3.2 A ESSÊNCIA DA AMIZADE É MAIS AMAR DO QUE SER AMADO

Grande parte das pessoas, em busca da honra, preferem ser amadas à amar; contudo pessoas bajuladoras dão mais amizade do que recebem, justamente por se colocarem em uma posição inferior à quem bajulam. É que o sentimento de ser amado assemelha-se ao de ser honrado, e ser honrado é algo que todos queremos.<sup>36</sup> A maioria dos seres humanos não deseja a honra por si mesma, mas desejam ser honrados por pessoas superiores a eles, para com isso obterem algum benefício. Os que desejam ser honrados pelas suas virtudes regozijam-se na confiança de que serão bem falados pelos outros. Por outro lado, ser amado é algo desejado por si mesmo, por trazer um bem que não precisa de nada mais em vista. Assim, também é a amizade, querida por si mesma e não por algo que se possa obter dela.

---

<sup>34</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1159a1.

<sup>35</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1159a5.

<sup>36</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1159a12.

A amizade é mais amar do que ser amado, por exemplo, na relação entre mãe e filho. Há alegria nas mães que amam, ou seja, as mães sentem-se felizes por amarem seus filhos; até mesmo as mães que, por algum motivo, doam seus filhos, continuam sentindo amor por eles, mesmo sem esperar o amor deles em troca.<sup>37</sup> Então, se a amizade, como foi dito por Aristóteles, consiste mais em amar do que ser amado, e louvado é aquele que ama seu amigo, amar é a característica da amizade virtuosa, e somente a amizade que contém essa característica será duradoura.

### 3.3 O PARALELO ENTRE JUSTIÇA E AMIZADE

Tanto a amizade quanto a justiça, acontecem com foco nos mesmos objetos e sob o manto das relações pessoais; Assim nota-se em todas as comunidades algo que chama-se de justo e, também, relações de amizade. Chamamos de amigos aqueles que compartilham o mesmo lado em uma batalha e também os navegantes de uma mesma embarcação e o mesmo com todos os membros de um mesmo grupo. Aristóteles explica que os limites da comunidade se dá nos limites da amizade, ou seja, a amizade depende da comunidade e essa, por sua vez, da justiça.<sup>38</sup>

Algumas amizades são mais fortes entre aqueles que têm muito em comum, como é o caso dos irmãos e camaradas; outras amizades são mais ou menos fracas, de acordo com o que se tem em comum entre os amigos. Assim, também, acontece na justiça; há de se considerar as diferenças de cada um para com seus direitos. Por exemplo, os deveres dos pais em relação aos filhos difere dos direitos entre irmãos, afirma Aristóteles.<sup>39</sup> Tal diferença encontra-se também nos atos injustos praticados em uma determinada comunidade; assim, será muito pior não socorrer um amigo em necessidade do que não socorrer um estranho que necessite da mesma ajuda. A necessidade de justiça parece crescer em concordância com a

---

<sup>37</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1159a26.

<sup>38</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1159b25.

<sup>39</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1159b36.

intensidade da amizade que se tem. Logo, justiça e amizade seguem uma mesma proporção entre pessoas iguais.<sup>40</sup>

### 3.4 ANALOGIAS: SISTEMAS POLÍTICOS E RELAÇÕES FAMILIARES

De acordo com Aristóteles, existem três sistemas políticos, bem como três formas degeneradas destes. Os três sistemas políticos são a monarquia, a aristocracia e a timocracia, nesta ordem de importância, já suas formas degeneradas são, respectivamente, a tirania, a oligarquia e a democracia.<sup>41</sup>

Monarquia e tirania são formas monárquicas, contudo completamente diferentes, enquanto que a monarquia é eleita, por Aristóteles, como a melhor forma de governo, pois, o monarca tem em vista o bem de seus súditos, a tirania é eleita, como a pior forma (degenerada) de governo, pois o tirano tem em vista apenas seus próprios interesses. Ademais, há a possibilidade de uma monarquia se degenerar em uma tirania.<sup>42</sup>

A forma degenerada da aristocracia, ou seja, a oligarquia, ocorre, devido à corrupção dos governantes, principalmente quando monopolizam o poder e distribuem de maneira injusta os bens do Estado. Por último, a timocracia apresenta sua forma degenerada como democracia; ambas são muito próximas. A timocracia pretende ser o governo de todos os que possuem bens valoráveis; por ser muito próxima, desta forma, a democracia passa a ser a menos pior entre as formas degeneradas.<sup>43</sup>

No tocante à relação entre pais e filhos, essa se assemelha, de maneira análoga, à monarquia, pois cuidar de seus filhos é a preocupação primeira dos pais<sup>44</sup>. Sua forma degenerada pode ser observada entre os Persas, pois esses utilizam seus filhos como escravos, e tal relação, senhor-escravo, é uma forma tirana. Já a relação entre marido e mulher assemelha-se a forma de governo aristocrática, pois, nesta relação o homem serve-se do que lhe compete, por sua posição, e a mulher

<sup>40</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1160a1.

<sup>41</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1160a31.

<sup>42</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1160b1.

<sup>43</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1160b10.

<sup>44</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1160b25.

fica com o que é de seu domínio, respectivamente. Já quando o homem toma poder sobre o que não lhe compete, temos uma maneira análoga à oligárquica. Já a terceira forma de governo, a timocracia assemelha-se com a relação entre irmãos, pois esses são iguais entre si, mas pela idade. A democracia aparecerá nas famílias onde não há senhores, pois todos terão um poder parecido.<sup>45</sup>

### 3.4.1 CORRESPONDÊNCIA: FORMAS DE AMIZADE E A JUSTIÇA

Tal relação entre as formas de governo e os tipos de amizade estão também relacionadas com o conceito de justiça. Assim, entre o monarca e seu povo há uma relação de superioridade, na medida que cabe ao bom monarca zelar por seu povo, tal qual um pai zela por seus filhos. De fato tanto o povo quanto os filhos só podem existir a partir de seu monarca e pai respectivamente. Assim, nota-se uma maneira de superioridade neste tipo de amizade e, por isso, a relação de direitos entre eles deve ser meritocrática.

Já a relação aristocrática corresponde à forma de amizade entre marido e mulher; ambas se dão na proporção virtuosa destes que se relacionam. Assim, em ambos os casos, o mais virtuoso terá o que é bom na proporção e, por conseguinte, o que lhe é de direito de maneira meritocrática.

A camaradagem é o que deve representar a relação de amizade entre irmãos, uma vez que, salvo em idades muito distintas, são muito parecidos entre si, no pensamento e nos gostos. Assim, também, é o governo timocrata, pois beneficia de maneira igual os iguais, ou muito parecidos, no que concerne ao poder e, à justiça.

No tocante às formas de governo degeneradas, Aristóteles explica que nestas não há justiça ou ela é muito reduzida, e com isso há pouco espaço para a amizade.

<sup>46</sup> A tirania é o caso em que menos se encontra a amizade, pois não há nada em comum e justo entre o tirano e seus governados. Tal relação assemelha-se a de um perito e seu instrumento: há apenas uma relação de uso; uma parte é usada e a outra a usa como melhor lhe apraz. Além do exemplo entre o perito e seu

---

<sup>45</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1161a1.

<sup>46</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1161a31.

instrumento, Aristóteles diz que não há amizade nas relação entre os seres humanos e os animais, contudo; apenas na medida em que tais relações aconteçam sob a forma de tirania, onde além de não haver amizade, não há justiça. Não se fala de relações de amizade neste sentido, tal qual não se fala em amizade entre objetos inanimados; na verdade não há amizade tampouco haverá justiça nestes casos.<sup>47</sup> Ademais, se na tirania justiça e amizade são raras, essas são maiores nas constituições democráticas, “porquanto é entre iguais que há mais bens comuns a poderem ser partilhados.”<sup>48</sup>

### 3.5 ALGUMAS FORMAS DE AMIZADE ENTRE FAMILIARES

Toda a amizade envolve algum tipo de grupo ou comunidade; assim, não é diferente com os grupos familiares, como é a camaradagem entre irmãos. Contudo, as amizades entre Estados e seres humanos de negócios são tidas mais como uma maneira de associação, justamente por serem baseadas, principalmente, em alguma afinidade comum, tal como é a relação entre hóspede e anfitrião.<sup>49</sup>

Embora pareça que as amizades familiares sejam de muitas formas, todas elas derivam da amizade entre pais e filhos.<sup>50</sup> Pais amam seus filhos como se fossem partes integrantes de si mesmos; já os filhos sente-se parte de seus pais e, por isso, os amam. Contudo, a certeza que os pais têm desse sentimento é maior que a dos filhos. Ademais, começa-se a amar em tempos diferentes: ao passo que os pais amam seu filhos antes mesmo destes nascerem, os filhos levam um tempo para amar seus pais.

Desta forma, os pais amam seus filhos por fazerem parte deles e seus filhos por nascerem deles; já os irmãos se amam por terem a mesma raiz, ou seja, terem nascido da mesma mãe, pois eles são de alguma maneira os mesmos. Contudo, terem idades parecidas e terem sido criados na mesma família contribui significativamente para o fortalecer sua amizade.<sup>51</sup> Ademais, existe um laço de

---

<sup>47</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1161b1.

<sup>48</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1161b10.

<sup>49</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1161b11.

<sup>50</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1161b16.

<sup>51</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1161b33.

amizade entre primos e outros parentes, por terem as mesmas raízes; já o grau de amizade poderá variar conforme o grau de parentesco, mas também conforme a convivência. "na medida também em que, nascidos dos mesmos pais, criados e educados em conjunto, são mais semelhantes nas disposições do caráter."<sup>52</sup>

A amizade dos filhos por seus pais, bem como a amizade entre os seres humanos e os deuses, têm uma ligação superior, pois é concebido por esses as grandes dádivas, como o vir a nascer, os cuidados da infância e a educação. Além disso, tal tipo de amizade confere muito mais alegria e é muito mais útil do que qualquer outro tipo de amizade, que venha acontecer com estranhos. Esta proximidade se dá a partir de todas as coisas em comum que os familiares têm.<sup>53</sup>

Quanto à amizade entre homens e mulheres, Aristóteles fala que esta parece ser dada pela própria natureza, uma vez que para ele os seres humanos existem para uma vida a dois, muito mais que para uma vida de Estado. "A nossa família vem em primeiro lugar e de um modo mais vincutivo do que o Estado." Enquanto que para os demais animais a união, em pares, se dá apenas por motivos de procriação, entre os seres humanos ela vai além, ela serve também para que tudo que é necessário ao viver seja alcançado, pois homem e mulher se completam nas necessidades e também são necessários para a vida em comunidade de formas distintas. Aristóteles trata em específico da amizade entre homem e mulher devido ao fato de, na sociedade grega antiga, estes terem papéis sociais distintos, sendo a mulher privada da maioria dos direitos e liberdades, tal pensamento admitia uma concepção estreita de família; Contudo, se ampliarmos o conceito de família para os moldes contemporâneos, os argumentos de Aristóteles sobre a amizade continuam sendo interessantes, porém, com uma perspectiva de relações entre seres humanos. Ademais, dessa amizade entre homem e mulher se tem tanto prazer quanto utilidade. Este tipo de amizade poderá ser também virtuosa de acordo com as características de cada um deles.

---

<sup>52</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1162a10.

<sup>53</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1162a15.

### 3.6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Com a conclusão deste capítulo afirma-se que, entre amizades desiguais, há superioridade por uma das partes, e que tal superioridade deve ser mantida, pois as funções e as virtudes de cada uma das partes é diferente. Contudo, há igualdade na proporcionalidade da amizade, pois busca-se amar na medida de valor e dignidade de cada um dos amigos. A amizade é desejada por si mesma, pois traz um bem que não precisa de nada mais em vista; ela consiste mais em amar do que ser amado. Amar é a característica da amizade virtuosa, e somente a amizade que contém essa característica será duradoura. Tanto a justiça quanto a amizade acontecem a partir das relações pessoais e seguem uma mesma proporção entre pessoas iguais. Da analogia entre os três tipos de governo, as relações familiares (que são formas de amizade) e a justiça tem-se: a monarquia, que assemelha-se com a relação de pais e filhos, uma vez que, havendo justiça, o monarca visa o bem de seus súditos e os pais o bem de seus filhos; a aristocracia, que assemelha-se com a relação entre marido e mulher, uma vez que, havendo justiça, cada uma das partes envolvidas destina-se a fazer o que lhe é devido segundo suas virtudes; e a timocracia que assemelha-se a relação entre irmãos e uma vez havendo justiça, se dará na maneira da igualdade, que concerne ao poder. Já nas três formas degeneradas de governo, que são a tirania, a oligarquia e a democracia não há, (ou há de maneira muito vaga) justiça e, com isso, pouco espaço para a amizade. No próximo capítulo, será tratado sobre a natureza interna e a necessidade da amizade segundo Aristóteles.

## 4 NATUREZA INTERNA E NECESSIDADE DA AMIZADE

Nos últimos capítulos do livro IX da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles apresenta suas conclusões sobre a amizade, divididas nos seguintes tópicos: A base da amizade como sendo o amor próprio e a natureza deste; O prazer em ajudar o próximo; Os motivos pelos quais se precisa de amigos e a essência da amizade propriamente dita. Tais tópicos são apresentados abaixo, em cinco subcapítulos.

### 4.1 A BASE DA AMIZADE É O AMOR PRÓPRIO

Aristóteles<sup>54</sup> enumera alguns fatores definidores da amizade, os quais o faz pensar que o sentimento de amizade pelo próximo deriva da relação que o ser humano tem consigo mesmo. Primeiro, porque amigo é aquele que deseja e faz o bem (ou parece que deseja e faz), ao seu amigo, pelo bem deste; segundo, porque amigo é aquele que deseja a vida a seu próximo, também pelo próprio bem deste amigo, como uma mãe para com um filho ou até mesmo como um amigo que agora se encontra distante; terceiro, porque amigo é aquele com quem convivemos; quarto, porque amigo também é aquele com o qual temos afinidades e semelhança nos gostos; e, por último, porque aquele que divide conosco as alegrias e as tristezas também é chamado amigo, como as mães na maioria dos casos também fazem. Assim, a amizade deve ser definida por alguma dessas características citadas.

Cada uma das características citadas acima está presente na relação do ser humano virtuoso consigo mesmo; esse está em harmonia com seus desejos e deseja sempre o bem e agir bem. Sendo assim, deseja o bem para si próprio e age de maneira boa para consigo.<sup>55</sup> Ele age desta maneira para o próprio bem de seu *logos*, que é o que o constitui enquanto ser humano. Encontra-se em todo ser humano virtuoso (e bom) a vontade de viver enquanto ser humano.

Cada Humano deseja para si próprio o bem, contudo ninguém o escolheria se para o obter tivesse de se transformar noutra pessoa, nem mesmo se

---

<sup>54</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1166a1.

<sup>55</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1166a10.

aquele outro em que se tivesse tornado possuísse todas as coisas [...] Ou seja, cada Humano escolhe para si o bem, mas apenas se puder continuar a ser o que quer que desde sempre já seja. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1166a15.

Os seres humanos, dessa sorte, desejam e passam tempo em sua própria companhia com prazer; Ihe são prazerosas as memórias do passado, e cativantes suas perspectivas do futuro. Em seu pensamento transbordam tópicos passíveis de reflexão, adquiridos pela contemplação. Assim, o ser humano sofre e sente prazer consigo mesmo, pois as coisas que o fazem sentir tais emoções o são assim exclusivamente para ele.

Por outro lado, os seres humanos de má índole só encontram arrependimento em seus pensamentos e não conseguem gostar de si mesmos, não encontram em si nada passível de amor e chegam a buscar em outras pessoas o esquecimento de si. Aristóteles<sup>56</sup> sugere que devemos nos esforçar para evitar a prática de ações que nos degradam e buscar sempre agir virtuosamente; só assim consegue-se amar (ser amigo) a si próprio e por conseguinte amar (ser amigo) o próximo.

#### 4.2 A CONCÓRDIA E O PRAZER EM AJUDAR O PRÓXIMO

A boa vontade é uma característica da amizade, contudo, não é ela em si. Podemos ter boa vontade para com desconhecidos e também podemos nós, sermos objeto da boa vontade de um terceiro, sem percebermos.<sup>57</sup> A boa vontade não pode ser entendida como uma forma de amor, pois não há nela nenhum desejo ou intensidade de sentimento; tais elementos são sempre vistos em acompanhamento do amor. O amor e a amizade surgem com a intimidade, já a boa vontade surge no instante.<sup>58</sup>

A boa vontade parece ser o começo para uma amizade, assim como o prazer dos olhos é o início do amor entre amantes. O amor entre amantes não pode nascer sem que haja o fascínio para com a beleza de alguém; contudo, o mero gostar da aparência de alguém não significa amar. O amor dos amantes expressa-se pela

<sup>56</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1166b26.

<sup>57</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1166b30.

<sup>58</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1166b35.

saudade, quando na ausência do amante, e no anseio por sua presença. Para que haja amizade, deve haver boa vontade de ambas as partes envolvidas; contudo, de início poderá haver boa vontade sem que haja amizade, uma vez que a amizade e o amor requerem intimidade.<sup>59</sup> Aristóteles<sup>60</sup> entende a boa vontade como um modo inoperante da amizade, que, com o ganho da intimidade, poderá vir a ser uma amizade virtuosa. As amizades baseadas na utilidade ou no prazer não estão atreladas à boa vontade mútua; quem faz um favor, esperando lucrar com isso, parece estar sendo mais benevolente consigo próprio do que com quem ajudar[a]. A boa vontade só pode nascer a partir de alguma atividade virtuosa, que se aprecia em outrem, como, por exemplo, a coragem.<sup>61</sup>

A concórdia é outra característica da amizade, e por esse motivo não pode ser a mera compatibilidade de opiniões, pois pode-se concordar com um desconhecido de maneira legítima (o que pode acontecer, ainda, entre dois estudiosos do mesmo tema por exemplo). Aristóteles<sup>62</sup> observa que há concórdia entre os indivíduos de um mesmo Estado, quando esses comungam do mesmo pensamento no que diz respeito a seus interesses, pois decidem e agem a partir da decisão coletiva. Assim, a concórdia acontece entre os indivíduos a partir das direções a serem tomadas para realizar atividades em vista de um objetivo por eles determinado.

Aristóteles<sup>63</sup> apresenta a concórdia como uma característica da amizade que aflora no campo político, algo que une os cidadãos em torno de um objetivo comum, que implica na vida coletiva de todos. Essa concórdia descrita por Aristóteles existe entre as pessoas boas, que concordam consigo próprias e com os demais, pois abrigam em si mesmas a justiça. Contudo, as pessoas de má índole não conseguem experimentar a concórdia, pois esses buscam sempre obter o maior número de benefícios possíveis em uma relação de amizade, ao passo que evitam atividades que contemplem de maneira positiva a coletividade. Pessoas tais, ao preferirem

---

<sup>59</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1167a4.

<sup>60</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1167a10.

<sup>61</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1167a16.

<sup>62</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1167a26.

<sup>63</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1176b5.

sempre uma vantagem sobre o outro, destroem o interesse coletivo, e com isso geram apenas discórdia.<sup>64</sup>

“Os benfeitores parecem gostar mais dos que recebem o seu benefício do que os beneficiados gostam dos que lhes fazem bem. Mas tem que se indagar por que motivo assim é, uma vez que parece ser um contrassenso.”<sup>65</sup> A maioria das pessoas acredita que pode-se comparar um benfeitor com um credor, e um beneficiado com um devedor; desta forma, o credor preocupa-se com a saúde de seu devedor, uma vez que preocupa-se em ter o retorno de seu empréstimo; por outro lado, para o devedor melhor seria que sumisse seu credor e com ele sua dívida. Contudo, comparar um benfeitor e um beneficiário a um credor e um devedor não está correto segundo Aristóteles.<sup>66</sup> Credores não têm afeição por quem beneficiam; visam apenas adquirir seus lucros. Já os benfeitores sentem afeição por seus beneficiários, sem exigir recompensa pela ajuda dada. Assim, acontece com todo artista; esse ama mais seu trabalho do que seu trabalho poderia amá-lo se viesse a vida. Assim é com os benfeitores; o beneficiado torna-se obra do benfeitor, e como tal, é mais amado por seu criador, tal qual um poeta ama sua poesia.<sup>67</sup> Isso acontece porque, a existência é para todo o ser humano algo a ser escolhido e amado, nós existimos, enquanto seres humanos, pela atividade virtuosa (viver e agir), o produtor em ato, ama sua produção, em determinado sentido, porque ele ama a existência. Assim é a natureza das coisas, o que o produtor é em potência manifesta-se em ato por sua produção.<sup>68</sup>

As pessoas que conquistam seu dinheiro pelo trabalho parecem amá-lo mais do que alguém que o adquire como herança. Assim, para ser bem tratado não necessita-se esforço algum, já para tratar alguém bem é uma tarefa que demanda trabalho; assim também é com as mães, que por prestarem um esforço muito maior para trazer seus filhos ao mundo, sabem pertencer mais a elas do que aos pais tais crianças. Este parece ser o sentido de ser um benfeitor.<sup>69</sup>

---

<sup>64</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1167b10.

<sup>65</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1167b20.

<sup>66</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1176b30.

<sup>67</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168a1.

<sup>68</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168a5.

<sup>69</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168a20.

### 4.3 A NATUREZA DO VERDADEIRO AMOR PRÓPRIO

Deve-se amar a si próprio mais que qualquer outro ser humano ou não? pergunta Aristóteles;<sup>70</sup> Todo ser humano que diz amar-se mais que qualquer outro de seus semelhantes é tido, pejorativamente, como “o amante de si mesmo”. Também aquele que faz tudo pela sua própria paixão por si e não é capaz de fazer nada de bom em vista de outrem, aquele que age apenas em vista de seu próprio interesse, é tido como vil. Já o virtuoso, ao contrário, age em vista do que é nobre, age em vista do bem de seus amigos antes mesmo de seu próprio bem.

Os fatos da vida vão em direção oposta ao pensamento citado no parágrafo anterior, pois “atribuir-se mais daquilo que é absolutamente bom não significa necessariamente ser egoísta.” (BITTAR, 2006, p.1109). É dito que se deve amar mais que tudo o melhor amigo, e melhor amigo é aquele que deseja o bem para seu amigo pelo próprio bem deste amigo; tais atributos, bem como todos os outros que definem um amigo, encontram-se primeiramente para com a relação de si consigo mesmo.<sup>71</sup> Assim, segue-se que é a partir do amor próprio que todas as características presentes na amizade estendem-se posteriormente aos outros. Aristóteles cita alguns provérbios, como fatos, para reforçar seu pensamento; são eles: “uma só alma (entre amigos)”, “bens de amigos, bens comuns” e “amizade é igualdade”. Ele conclui afirmando que todos estes provérbios aplicam-se de maneira mais consistente na relação de cada qual consigo próprio; cada ser humano é seu próprio melhor amigo, e por isso ama a si mesmo mais que tudo.<sup>72</sup>

É preciso diferenciar o que se entende por amor próprio em cada um dos casos; aqueles que apresentam o amor próprio de maneira pejorativa dizem que aquele que ama a si próprio busca obter a maior parte de dinheiro, prazeres do corpo e honrarias para si, pois a grande maioria pensa ser isso o melhor que há. Por esse motivo competem entre si, encontram prazer nas paixões e na parte incapacitante de razão da alma humana, e assim são a maioria dos seres humanos;

---

<sup>70</sup>ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168a28.

<sup>71</sup>ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168b5.

<sup>72</sup>ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168b10.

por isso, entende-se erroneamente *amor próprio* com tal natureza medíocre. Contudo, é justo que se repreenda esta visão de amor próprio.<sup>73</sup>

Quando muitos falam dos que tem amor próprio, referem-se aqueles que costumam pegar para si mais do que é devido; contudo quando alguém de todo se esforça para realizar ações justas e que venham de encontro com as virtudes de cada ação, não será repreendido, tampouco falado dele que tem amor próprio, mas é ele quem tem mais amor próprio que qualquer outro, pois em todas as situações ele chama para si os bens mais nobres e supremos que há e está em acordo com a dimensão mais autêntica de si próprio.<sup>74</sup>

Como acontece em um Estado, e em todas as organizações, “o que lhe pertence de um modo mais próprio é a parte mais preponderante de todas, assim também é com o ser humano.”<sup>75</sup> Desta forma, tem amor próprio de modo mais autêntico aquele que ama as coisas que lhe são mais preponderantes e é feliz por elas.

Ademais, ter domínio de si e não ter domínio de si entende-se respectivamente por dominar o poder de compreensão do ser humano ou não, porque compreender é o que constitui autenticamente o ser humano, sendo isto mesmo o que cada um é. E as ações que foram propriamente levadas à prática voluntariamente são as que compreendem as disposições do sentido orientador. É por isso evidente que cada um em si próprio é o poder de compreensão de si, manifestado na sua possibilidade extrema. É assim que o virtuoso tem amor por si. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168b30.

Tal diferença entre essas duas concepções de amor próprio foram comparadas por Aristóteles,<sup>76</sup> como a diferença entre uma vida virtuosa e uma vida guiada pelas paixões; todos admiram aqueles que esforçam-se para realizar atividades virtuosas (como ser justo, por exemplo), e se a competição entre todos fosse a de agir da maneira mais virtuosa possível, tudo encaminhar-se-ia para o que é melhor para todos, e cada um garantiria para si os melhores bens, uma vez que a virtude é o maior dos bens.<sup>77</sup>

<sup>73</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168b15.

<sup>74</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168b21.

<sup>75</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1168b30.

<sup>76</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1169a4.

<sup>77</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1169a10.

Desta forma, o ser humano bom deve ter amor próprio, pois realizando ações virtuosas ele se beneficiará e também beneficiará os demais. Já o ser humano vil age ao contrário, ferindo a ele próprio e seus demais, pois segue apenas as paixões. O ser humano vil entra em contradição pela maneira que age e a maneira com a qual deveria agir, já o ser humano virtuoso age da maneira como deve agir, escolhe agir a partir de seu poder de compreensão. Em verdade, o ser humano bom

age em prol dos que ama e da sua pátria e, se tiver de ser, morrerá por eles. Abdicaria de dinheiro, de honrarias e, em geral, daqueles bens pelos quais se luta, se lhe restasse no fim para si a glória do feito. [...] É isto o que acontece aos que morrem por outros. Escolhem para si próprios uma glória magnífica. E renunciará a riquezas se com isso os seus amigos ficarem ricos. [...] O ser humano bom surge-nos assim com toda a probabilidade como sendo aquele que escolhe a nobreza, preterindo tudo o resto. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1169a20.

O ser humano bom, em todas as ações, chama para si a maior a parte de nobreza, é neste sentido que um ser humano deve ter amor próprio mas não no sentido que muitos são, conforme apontado acima.

#### 4.4 MOTIVOS PELOS QUAIS O SER HUMANO NECESSITA DE AMIGOS PARA SER FELIZ

No que diz respeito à necessidade de se ter amigos, Aristóteles<sup>78</sup> lembra que é comum ouvir que pessoas muito felizes e autossuficientes não precisam de amigos, pois, eles tem coisas boas, e, por serem autossuficientes não carecem de mais nada, contudo, um amigo, sendo um outro, fornece para seu amigo aquilo que ele por si só não alcança. Já o dito popular: *com boa sorte, quem precisa de amigos?* Parece estranho dizer que alguém tenha todas as coisas boas que se possa ter mas que não tenha amigos, afinal, amigos são o melhor dentre os bens externos.<sup>79</sup> Ademais, é característica do amigo virtuoso antes oferecer ajuda a recebê-la, e também é mais nobre ajudar a um amigo do que a um estranho; desta

<sup>78</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1169b3.

<sup>79</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1169b5.

forma, mostra-se necessário que o ser humano bom precise de amigos para compartilhar o bem.<sup>80</sup>

Assim, não parece ser certo falar que um ser humano extremamente feliz seja solitário; ninguém escolheria ter para si o mundo todo se fosse para viver só.<sup>81</sup> Como dito anteriormente, o ser humano é um animal político e é de sua natureza compartilhar seu viver com semelhantes; assim, até mesmo o mais feliz dos seres humanos vive em comunhão, têm as coisas que são boas por natureza e é evidente que melhor é viver com amigos do que com estranhos, Fica claro que o ser humano feliz necessita de amigos.<sup>82</sup>

Quanto mais amigos tivermos melhor será nossa vida, ou temos de limitar estes? pergunta Aristóteles.<sup>83</sup> Parece que não se deve viver sem nenhum amigo, mas também ter amigos em excesso parece ser desfavorável. Assim parece ser adequado falar sobre os amigos que temos em vista da utilidade, pois, para pagarmos na mesma moeda tais amigos nos é custoso, logo muitos amigos desta classe mais atrapalham nossa vida do que ajudam. Quanto a classe de amigos que temos em relação ao prazer, é dito que: “aos amigos em vista do prazer bastam poucos, tal como o tempero na comida.”<sup>84</sup> Quanto aos amigos virtuosos, tal qual para uma cidade, há um limite de cidadãos, (pois dez seres humanos não constituem uma cidade, muito menos centenas de milhares deles o faz), contudo, não se pode definir em números precisos qual é seus limites, tal limite deve corresponder ao número de amigos que se consegue manter numa vida em comum, pois uma das características mais importantes da amizade é a vida compartilhada.<sup>85</sup>

Compartilhar nossa vida com muitos, ou ainda dividirmos nossas vidas com todos é impossível, também é muito difícil compartilhar as mesmas alegrias e tristezas com muitos. Assim, não convém procurarmos ter o maior número possível de amigos, mas apenas na quantidade que possamos partilhar nossas vidas. Não se pode ser grande amigo de muitos no mesmo sentido que não se pode estar apaixonado por muitos ao mesmo tempo; o amor que é uma intensificação da

---

<sup>80</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1169b10.

<sup>81</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1169b15.

<sup>82</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1169b20.

<sup>83</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1170b20.

<sup>84</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1171a21.

<sup>85</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1170b30.

amizade só é em relação a uma pessoa, e a amizade verdadeira só pode acontecer entre poucos.<sup>86</sup> É assim que se confirma na prática, pois não se encontram-se muitos amigos virtuosos, e o que se encontra nas literaturas são comumente amizade de dois. Aqueles que parecem ser amigos de muitos, em verdade não são íntimos de quase nenhum deles.<sup>87</sup> Contudo, pode-se ser amigo de muitos no sentido de cidadãos (como integrantes de um mesmo Estado), mas, amigos virtuosos não se pode ter muitos: “na verdade, podemos contentar-nos se descobrirmos alguns poucos com quem possamos estabelecer esse elo estreito de amizade.”<sup>88</sup>

#### 4.5 A ESSÊNCIA DA AMIZADE: AMIGOS NA ALEGRIA E NA TRISTEZA

Os seres humanos precisam de amigos tanto nos momentos bons quanto nos momentos ruins. Amigos em necessidade precisam de ajuda; já na alegria precisa-se de amigos para compartilhar a vida e para ter por quem olhar.<sup>89</sup> Assim, a amizade é mais necessária na tristeza, mas quando se está nesta situação se busca por amigos úteis; mas, a amizade é mais nobre na alegria. Procuramos por seres humanos bons para sermos amigos, pois é mais desejável favorecê-los e compartilhar a vida com eles. Ademais, a presença dos amigos é boa tanto nos momentos tristes quanto nos felizes; as tristezas ficam mais leves quando compartilhadas com amigos.

A presença de amigos parece ter uma natureza mista; encontrar se com um amigo já é prazeroso por si só, especialmente se estamos tristes. Um amigo é um conforto não só pela sua presença, mas por suas palavras, quando usadas com sabedoria, pois um amigo sempre sabe o que deixará seu amigo feliz ou triste. Contudo, nossa tristeza poderá abater também nossos amigos, uma vez que nos ver infelizes os deixará tristes. Já a presença de amigos quando, se está feliz, implica na felicidade da companhia e também na felicidade de ver o amigo feliz com a alegria

---

<sup>86</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1171a5.

<sup>87</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1171a15.

<sup>88</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1171a20.

<sup>89</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1171a21.

de seu amigo. Assim, Aristóteles<sup>90</sup> fala que preferível é compartilhar os momentos felizes com os amigos e evitar chamá-los em momentos tristes.

Deve-se compartilhar, com nossos amigos, o mínimo de tristezas, como mostra o dito popular: “para infeliz já basto eu”. Contudo, quando a ajuda que precisa-se não for de todo um grande incômodo pode-se recorrer aos amigos e, por outro lado, deve-se sempre estar pronto a socorrer um amigo sem ter sido solicitado, pois esta é a natureza da amizade; além disso é mais nobre e mais prazeroso para ambas as partes quando assim ocorre. Vai-se também ao encontro dos amigos que estão felizes para, quando possível, compartilhar desta alegria, pois também necessita-se de amigos em tais momentos. Por fim, embora menos nos momentos tristes do que nos felizes, ansiamos pela presença de nossos amigos em todos os momentos.<sup>91</sup>

Assim como acontece entre os apaixonados, para os quais a companhia de seu amor é o que lhes traz mais felicidade, porque é assim que o amor acontece, também, para os amigos, o mais desejável é compartilharem suas vidas, pois amizade é compartilhar, como um ser humano é para com ele mesmo assim ele o será para com seu amigo.<sup>92</sup> Ademais: “Perceber a existência de si próprio é uma preferência; assim também acontece com o perceber a existência do amigo. A possibilidade desse apercebimento acontece ao partilharmos a vida com amigos, e é nessa direção que nos lançamos.”<sup>93</sup>

Qualquer que seja o sentido da existência para cada um, e qualquer que seja o fundamento pelo qual se deseja viver, deseja-se partilhar a vida com amigos, é por isso que alguns bebem entre amigos, outros jogam entre amigos...

Cada um deles passa o tempo na companhia dos outros atrás daquilo mesmo que para si é o que mais gostam de fazer na vida. Desejando, pois, viver, na companhia de amigos fazem e partilham com eles aquilo que pensam constituir a base do seu viver em conjunto ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1172a5.

---

<sup>90</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1171b15.

<sup>91</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1171b15.

<sup>92</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1171b29.

<sup>93</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1172a5.

Contudo, a amizade que surge entre os seres humanos de má índole é vil<sup>94</sup>, pois seres humanos de má índole são instáveis e, unem-se principalmente em vista de um objetivo vil, tornam-se piores à medida que convivem. Em contraste, a amizade entre seres humanos bons é boa, ela cresce na medida que fortificam-se os laços que os unem. Tornam-se melhores a partir de suas boas ações, uma vez que, servem de inspiração uns aos outros, assim como no dito popular: “*atos nobres são realizados por seres humanos nobres*”.

---

<sup>94</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1172a5.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão desta investigação, é possível afirmar que: o sentimento de amizade pelo próximo deriva da relação que o ser humano tem consigo mesmo, pois ser amigo é alegrar-se em fazer o bem a outrem, assim como alegrar-se em fazer o bem a si próprio; amigo é aquele que deseja a vida boa a seu próximo, também pelo próprio bem deste amigo, assim como se deseja viver bem. Amigo é aquele com quem convivemos, aquele com quem temos afinidades e semelhança nos gostos. Primeiramente, convivemos com nós mesmos; por último, amigo é aquele que divide conosco as alegrias e as tristezas. Deve-se esforçar para evitar a prática de ações que nos degradam e buscar sempre agir virtuosamente; só assim consegue-se amar (ser amigo) a si próprio e por conseguinte amar (ser amigo) o próximo. A boa vontade parece ser o começo para uma amizade e, para que haja amizade, deve haver boa vontade de ambas as partes envolvidas. Contudo, de início poderá haver boa vontade sem que haja amizade, uma vez que a amizade, como já foi dito por Aristóteles, requer intimidade. As amizades baseadas na utilidade ou no prazer não estão atreladas à boa vontade mútua; quem faz um favor, esperando lucrar com isso, parece estar sendo mais benevolente consigo próprio do que com quem ajudará. A boa vontade só pode nascer a partir de alguma atividade virtuosa que se aprecia em outrem. A concórdia, outra característica da amizade, não pode ser a mera compatibilidade de opiniões; a concórdia acontece entre os indivíduos a partir das direções a serem tomadas para realizar atividades em vista de um objetivo comum, por elas determinado. Todos os atributos que definem um amigo, vistos até aqui, encontram-se primeiramente para com a relação de si consigo mesmo. Assim, é a partir do amor próprio que todas as características presentes na amizade estendem-se posteriormente os outros. Quando a competição entre todos é por agir da maneira mais virtuosa possível, tudo encaminhar-se-á para o que é melhor para todos, e cada um garantirá para si os melhores bens, uma vez que a virtude é o maior dos bens. Desta forma, o ser humano bom deve ter amor próprio, pois realizando ações virtuosas ele se beneficiará e também beneficiará os demais. Um amigo, sendo um outro, fornece para seu amigo aquilo que ele por si só não alcança. O ser humano é um animal político e é de sua natureza compartilhar seu viver com

semelhantes; assim, até mesmo o mais feliz dos seres humanos vive em comunhão. Não se deve viver sem amigo algum, mas também ter amigos, em excesso, é desfavorável. Tal limitação, no número de amigos, deve corresponder ao número de amigos que se consegue manter numa vida em comum, pois uma das características mais importantes da amizade é a vida compartilhada. Para os amigos o mais desejável é compartilharem suas vidas, pois amizade é compartilhar. Seres humanos precisam de amigos tanto nos momentos bons quanto nos momentos ruins; como um ser humano é para com ele mesmo, assim ele o será para com seu amigo.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBAGNANO, N. Platonismo. in \_\_\_\_\_. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de: Alfredo Bosi. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. p. 765.

ARISTÓTELES. Da Origem do Estado. in \_\_\_\_\_. **A política**. Tradução de: Roberto Leal Ferreira. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006. p. 1-6.

ARISTÓTELES. Livro VIII; Livro IX. in:\_\_\_\_\_. **Ética a Nicômaco**. Tradução de: António de Castro Caeiro. São Paulo, SP: Atlas, 2009. p. 174-197.

ARISTOTLE. BOOK VIII FRIENDSHIP; BOOK IX FRIENDSHIP (*cont.*). in:\_\_\_\_\_. **The Nicomachean Ethics**. Translated by David Ross. New York, NY: OXFORD University Press, 2009A. p. 142-182.

ARISTOTLE. EXPLANATORY NOTES. in:\_\_\_\_\_. **Aristotle Politics: Oxford world's classics**. Translated by Ernest Barker. New York, NY: OXFORD University Press, 1995. p. 320-321.

BITTAR, Eduardo. C. B. ETHICA NICOMACHEA. in:\_\_\_\_\_. **CURSO DE FILOSOFIA ARISTOTÉLICA**. Barueri, SP: Manole, 2003. p. 1087-1114.

HÖFFE, O. Antropologia política. in:\_\_\_\_\_. **Aristóteles**. Tradução de Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008. p. 212-222.

KRAUT, R. A concepção nicomaqueia de philia. in: WHITING, J. **ARISTÓTELES A ÉTICA A NICÔMACO**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009. p. 254-255.

PELLEGRIN, P. Natureza. in:\_\_\_\_\_. **Vocabulário de Aristóteles**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes LTDA, 2010. p. 46-48.

PETERS, F. E. **TERMOS FILOSÓFICOS GREGOS**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974. p. 55; 85.

RACHELS, J. A Ética da Virtude. in:\_\_\_\_\_. **Os Elementos da Filosofia da Moral**. 4.ed. Barueri, SP: Manole, 2006. p. 177-178.